

Políticas sociais ajudam o catolicismo

César Felício e André Borges
De São Paulo

O Brasil é o antepenúltimo país em proporção de católicos da América Latina. Ainda que seja o maior em números absolutos de católicos, sua diversidade religiosa só perde para o Uruguai e a Nicarágua no continente.

Para frear a perda de fiéis, a Igreja depende das políticas sociais do governo, como o Bolsa Família, criticadas por parte do episcopado. "O Bolsa Família tende a diminuir a migração, o que pode beneficiar a Igreja já que segura a população onde o ambiente é mais católico", diz o professor da PUC-RJ, Cesar Romero Jacob.

Estudo da Cepal indica que 600 mil pessoas deixaram de emigrar do Nordeste para o resto do país entre 1995 e 2004. É na periferia das grandes cidades, destino da maior parte desses migrantes, que a Igreja católica mais perdeu terreno para o protestantismo.

A Conferência Episcopal Latino Americana, que começa amanhã em Aparecida (SP), será acompanhada de inovação tecnológica: a cidade estará estreando na era da internet sem fio, permitindo acesso gratuito à rede mundial de informações. **Páginas A12 e B1**

Bento XVI Ao deter êxodo do Nordeste para o Sudeste, Bolsa Família pode ter estancado queda do catolicismo

Brasil é antepenúltimo em católicos na AL

César Felício

De São Paulo

Maior país católico do mundo em termos absolutos, o Brasil recebe esta semana o papa Bento XVI e 1.188 bispos latino-americanos para a Conferência Episcopal da América Latina (Celam) em um momento em que a Igreja no país aterrissa depois de vinte anos de trajetória declinante do percentual católico sobre a população brasileira. O ponto de chegada é baixo. Mesmo com o estancamento da queda católica apontada em pesquisa da Fundação Getúlio Vargas coordenada pelo pesquisador Marcelo Neri, divulgada na semana passada, em termos proporcionais, o Brasil é o antepenúltimo país em percentual de população católica na América Latina. Proporcionalmente, só tem mais fiéis que Nicarágua e Uruguai.

Os programas sociais do governo Lula, que ampliaram políticas de transferências de renda criadas na gestão de Fernando Henrique Cardoso, podem indiretamente explicar o possível fim da queda percentual do número de católicos no Brasil. Estes programas, dos quais o Bolsa Família é o maior, atendem principalmente às pequenas cidades do Nordeste, um ambiente onde o catolicismo permaneceu relativamente intacto.

"Ao proporcionar uma renda, o Bolsa Família tende a diminuir o fluxo migratório, o que pode beneficiar a Igreja, já que segura a população onde o ambiente é

mais católico e arrefece o crescimento nas áreas periféricas dos grandes centros, onde a queda se dava com mais velocidade", comenta o professor César Romero Jacob, da PUC do Rio, ressaltando-se que esta é uma hipótese que ainda não foi experimentada.

Há indicadores que apontam para a queda da migração nos últimos anos. Segundo trabalho do professor José Marcos Pinto da Cunha, do Núcleo de Estudos Populacionais da Unicamp, apresentado em um seminário promovido pela Cepal e pelo BID em Brasília no dia 30 de abril e divulgado na Internet, o número de emigrantes do Nordeste caiu de 1,8 milhão para 1,3 milhão entre os quinquênios de 1995 e 2000 e de 1999 a 2004. Já o de imigrantes em São Paulo recuou de 1,2 milhão para 873 mil nos mesmos períodos.

A diminuição de oportunidades no Sudeste, conjugada à ampliação dos benefícios são razões levantadas por Pinto da Cunha para explicar o fenômeno. "Falta um estudo específico para medir o impacto das políticas de transferências de renda, mas tudo leva a crer que estão diminuindo o êxodo", diz o pesquisador. O trabalho tomou como base os levantamentos da Pesquisa Nacional por Amostragem Domiciliar (PNAD) de 2000 e 2004.

Mas as interpretações são divergentes. "O PNAD não consegue captar a migração pendular, formada por trabalhadores que saem do Nordeste para o Sudeste na safra da cana, por exemplo.

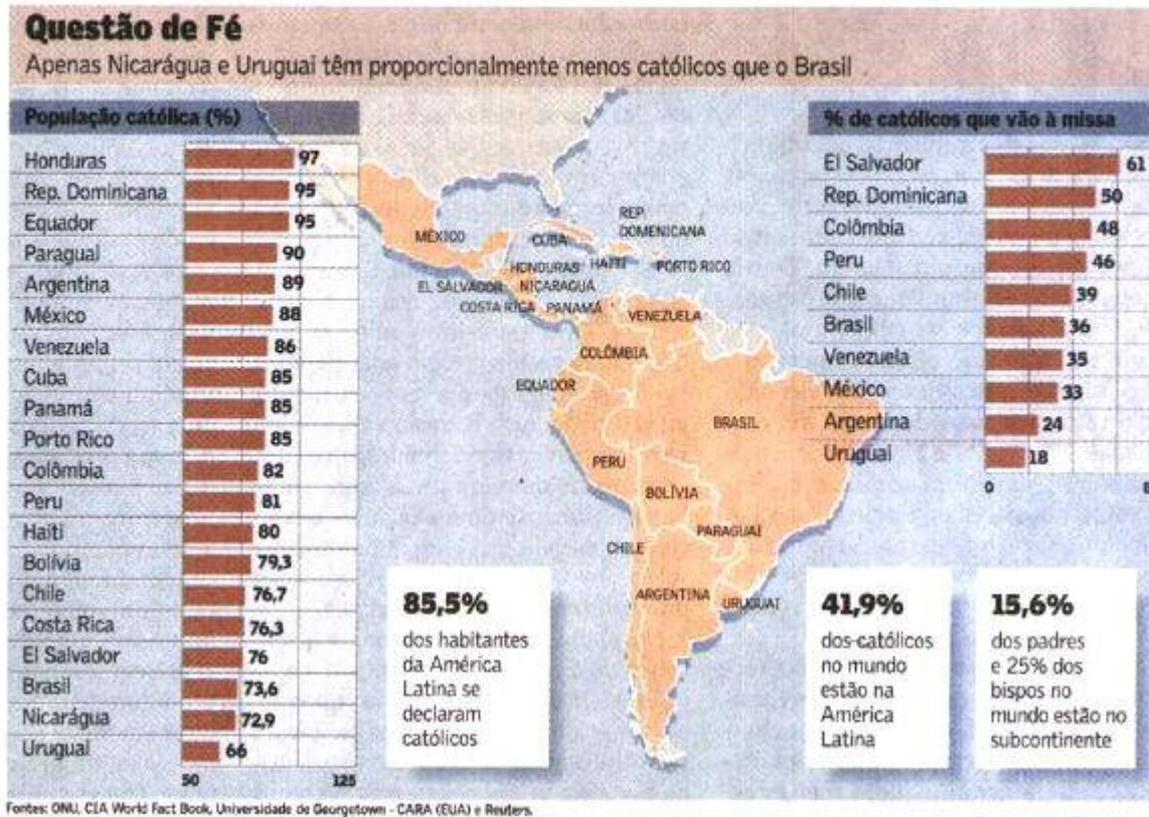
Neste caso, as evidências existentes são que a migração aumentou", diz o professor Francisco Alves, da Universidade Federal de São Carlos. "Este é o grande problema de todas as pesquisas do PNAD. Mas a tendência captada é inequívoca", comenta Pinto da Cunha.

Marcada pela disputa política nos anos 60, 70 e 80 a Igreja Católica no Brasil tornou-se paulatinamente mais conservadora com as substituições nas dioceses feitas por João Paulo II ao longo de seu pontificado, mas não união permanece distante: as alas conservadora e progressista culpam-se mutuamente pelo declínio do número de fiéis.

O primeiro grupo afirma que a politização das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), sob a égide da Teologia da Libertação, afastou fiéis que buscavam uma vivência religiosa. O segundo sustenta que a desarticulação desta ação política cortou os laços da Igreja com as periferias.

O avanço da esquerda na Igreja Católica latino-americana começou em outra Celam com a presença do papa, a de Medellín, em setembro de 1968, aberta por Paulo VI. Lá foi lançado o tripé que sustentou a versão socializante do catolicismo: a opção preferencial pelos pobres, a formação das CEBs e a Teologia da Libertação.

Os primeiros sinais de que a Igreja Católica iria deter o avanço em direção à esquerda vieram na terceira Celam, realizada em Puebla (México), em janeiro de



1979, poucos meses depois da eleição do papa João Paulo II, que fez nesta ocasião a primeira de suas 102 viagens ao exterior. Condenou-se explicitamente o uso da "dialética da luta de classes" na análise social feita por estudiosos católicos.

A quarta Celam, realizada em 1992 em Santo Domingo, provocou um confronto entre o Vaticano e os bispos sobre o grau de autonomia que a igreja latino-americana poderia ter. O documento final desagradou tanto a conservadores quanto a progressistas. Is-

to levou o Vaticano a decidir acabar com os encontros latino-americanos, fundindo-os com reuniões com os bispos do Canadá e dos Estados Unidos. Mas a decisão durou pouco tempo. Diante da reação negativa dos bispos latino-americanos, o próprio João Paulo II voltou atrás e anunciou a convocação da conferência, em 2001.

O papa Bento XVI dará no dia 13 de maio, em Aparecida (SP), a palavra inicial aos bispos latino-americanos, mas com certeza terá influência central no documento final da Conferência que deverá se

encerrar no final do mês. A Conferência já tem o seu toque pessoal. Bento XVI fez questão que o evento acontecesse no Brasil, quando o destino mais provável seria o Chile, terra natal do presidente da Celam, o cardeal Javier Errazuriz.

Depois de escolher o Brasil, o papa escolheu Aparecida, um centro de peregrinação mariana. Com isso, a aposta feita por bispos de ambas as correntes é que o papa pretende dar um tom missionário e reenvelizador à Igreja latino-americana, freando a dimensão social e política.

“Igreja tem estrutura voltada para um país rural”

De São Paulo

Presidente até este ano da Fundação Cáritas Brasileira, o maior braço assistencial da Igreja Católica no país, o bispo de Jales (SP), dom Demétrio Valentini, é um dos expoentes da igreja progressista no país. Comandou o “plebiscito” contra a Alca em 2002, unindo a esquerda partidária com a esquerda dentro da Igreja. Também participou da organização do plebiscito contra a dívida externa e diversos “gritos dos excluídos” patrocinados pela CNBB. Em junho de 2003, assinou, em conjunto com Chico Buarque e Emir Sader, entre outros, uma carta endereçada a Lula, de repúdio à autonomia do Banco Central. Em 2005, comparou a marcha do MST para Brasília “com a longa marcha do povo de Israel”, referindo-se aos episódios da vida de Moisés. Por telefone, concedeu a entrevista a seguir para o Valor.

Valor: Como o senhor explica a queda do número de fiéis no Brasil nas décadas de 70,80 e 90, que pa-

rece ter se estancado apenas nos últimos cinco anos?

Dom Demétrio Valentini: A Igreja Católica está sendo posta à prova. Ela demorou muito a se dar conta dos problemas em sua volta, porque era o único referencial que existia no plano religioso no país. Agora o contexto mudou muito. A pobreza extrema explica esta busca do religioso que desagua no crescimento de certas religiões manipuladoras. Quando a secularização avançar no Brasil, ela poderá ter até seu lado bom, porque vai purgar esta manipulação proselitista, se acompanhado da melhora das condições econômicas.

Valor: Mas em que parte o declínio católico no país se deve a problemas da própria Igreja?

Dom Demétrio: A Igreja é pesada, não tem agilidade para se sintonizar com contextos novos. Um exemplo: a formação de um padre pode levar até quinze anos, enquanto um pastor por vezes começa a pregar em três meses. Esta formação tão longa, que segue um padrão internacional, distancia o padre do povo. A

Igreja Católica também continua com uma estrutura ultrapassada, como se o Brasil fosse um país rural, cheia de capelinha vazia no interior e ausente das periferias das grandes metrópoles. Poderia fazer uma reforma patrimonial.

Valor: A desarticulação das Comunidades Eclesiais de Base não colaborou para este afastamento?

Dom Demétrio: As Comunidades foram uma experiência muito válida de organização do povo. Foi uma pena que se lançasse uma suspeição generalizada sobre este caminho de transformação. Quem acusou a Teologia da Libertação de fazer política é quem fazia política. Não tenho qualquer dúvida que esta desconfiança em relação ao trabalho social que era desenvolvido colaborou para o recuo da Igreja. É uma lástima. A Igreja com isso perdeu diversidade, vai se tornando uniforme, distante das pessoas.

Valor: A Igreja não precisa procurar um caminho de unidade?

Dom Demétrio: A Igreja precisa cultivar a universalidade, mas admitir a diversidade em um mundo plural. E este é um pro-

blema para a Igreja Católica: enxergar a diversidade. A Igreja tem medo de admitir a diversidade.

Valor: Qual a sua impressão sobre o pontificado de Bento XVI. Não foi ele, como cardeal Ratzinger, que colaborou para a construção deste quadro atual?

Dom Demétrio: Bento XVI está surpreendendo. Ele é a continuidade personificada, mas sempre manteve autonomia. É um intelectual, marcado pela crise universitária de 1968. Até então era um teólogo progressista, mas a explosão de 1968 tornou-o refratário à modernidade. Assim como João Paulo II, também veio de uma Nação onde houve, em parte dela, uma experiência comunista. Teve pouca vivência pastoral, mas como papa, contrariou as previsões. Em Regensburg, ao criar aquela polémica com o islamismo, ele na realidade criticou, e de modo perspicaz, o fundamentalismo religioso. Bento XVI surpreendeu também na política, quando adotou uma postura muito mais aberta que a de João Paulo II em relação à possibilidade da mulher assumir funções ministeriais na Igreja. (CF)

“CEBs desaguararam em invasões e baderna”

De São Paulo

Presidente da Comissão Pastoral para o Serviço da Caridade, Justiça e Paz até a realização da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil esta semana, o arcebispo da Paraíba, dom Aldo di Cillo Pagotto se auto-define como um prelado que sempre diz o que pensa, sem se guiar pela conveniência política. Fala sempre um tom acima dos calculados pronunciamentos de seus colegas de episcopado.

No ano passado, em um seminário promovido pela CNBB, bateu com dureza no Programa Bolsa Família: disse que ele promovia nas famílias o vício de se contentar com o mínimo e que muita gente no Nordeste não queria mais trabalhar para receber o benefício. Na ocasião, definiu a reforma agrária como “favelização rural”. Por telefone, concedeu a seguinte entrevista ao **Valor**:

Valor: Ao longo das duas últimas décadas, houve um grande recuo do número percentual de católicos. De quem é a culpa? Do Vaticano, que desarticulou as Comunidades Eclesiais de Base, ou da Teologia da Libertação, que politizou a mensagem religiosa?

Dom Aldo Pagotto: Diante destas duas hipóteses excludentes, fico com a última. Apesar de arcebispo no Nordeste, sou paulista, sobrinho de dom Agnelo Rossi. Minha família afastou-se da Igreja Católica, deixou-a de viver cotidianamente, em razão da politização de jaez marxista dos últimos tempos. A opção preferencial pelos pobres introduziu uma interpretação marxista da visão social. Rompeu com a mensagem universal da Igreja. E a inclusão social na Igreja deve ser construída a partir de uma visão universal. A Igreja antes no Brasil era vermelha, guiada pela estrela, a estrela do PT. O PT nasceu dentro das sacristias.

Valor: Mas as Comunidades Eclesiais de Base não aproximavam a Igreja das pessoas mais vulneráveis socialmente?

Dom Aldo: Não. As comunidades legitimaram núcleos marxistas. Desviaram a fé para discussões sociais. Meu tio foi um idealizador destes grupos, mas os concebeu como círculos bíblicos de discus-

são. As cidades estavam inchando, o êxodo rural aumentava e as pessoas precisavam de uma sustentação. Mas aí aquilo tudo se desviou.

Valor: Seria possível relançá-las, dentro do espírito original?

Dom Aldo: Não. Alguns dentro do episcopado seriam capazes de dar a vida por isto, mas relançá-las é relançar um modelo que fracassou.

Valor: Então qual a alternativa para a Igreja se revitalizar?

Dom Aldo: Temos as missões evangelizadoras. Em 1996, o papa João Paulo II propôs quatro anos de missões catequéticas, ocasião em que preparamos lideranças leigas, para bater nas casas de porta em porta. Os primeiros frutos estão sendo colhidos agora. Na formação de lideranças, envolvemos inclusive o meio empresarial. Nos reunimos com comerciantes, com industriais... Na Paraíba, quero que a Igreja fomente o cooperativismo e a educação profissionalizante. As antigas Comunidades Eclesiais de Base só faziam crítica social e desaguararam em que? Nestes movimentos sociais que temos hoje, que só promovem invasões e fazem baderna, nada mais. Ao nos dirigir-

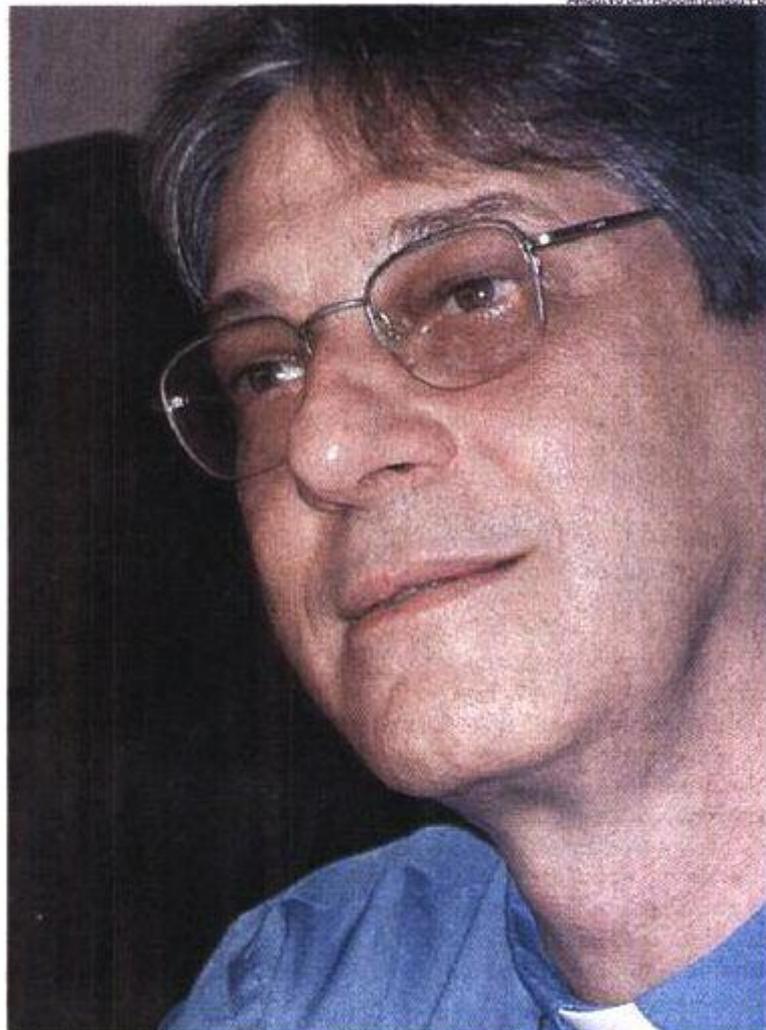
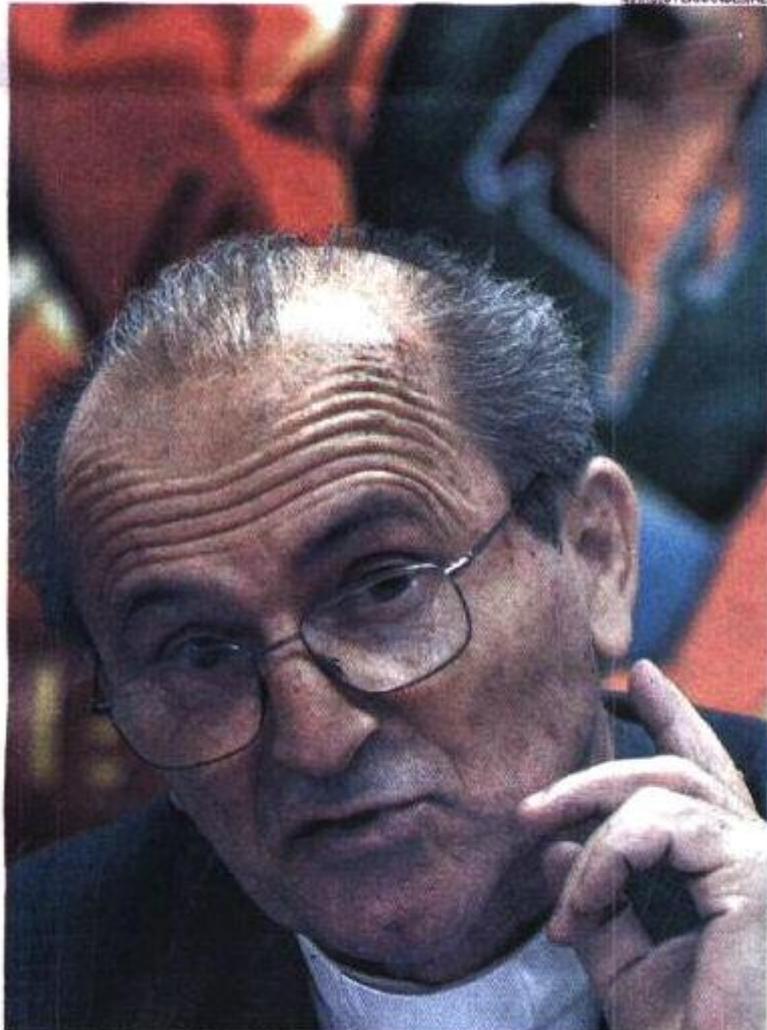
mos para a sociedade, temos que ter uma perspectiva plural, falar para todos os segmentos.

Valor: De que maneira a visita do papa Bento XVI poderá influenciar a tentativa de se revitalizar a Igreja?

Dom Aldo: Este papa quer resgatar para a Igreja na América Latina um caráter evangelizador e pastoral. Uma grande atenção será dada para as questões que envolvem a família, este será o foco. O papa tentará conciliar este resgate dos valores morais familiares com o aspecto da ética coletiva, porque é a política que organiza a sociedade.

Valor: Alguns pesquisadores vêem benefícios para Igreja Católica com as políticas sociais adotadas pelo governo atual, que aumentou a renda nas comunidades onde o catolicismo é predominante, como no interior do Nordeste. O senhor concorda com isso?

Dom Aldo: O governo adotou modelos ultrapassados. Estratégias de compensação social que sempre existiram. O programa Bolsa Família é apenas mais uma política ultrapassada, mas este governo é a nossa realidade, não adianta combatê-lo. (CF)



D. Demétrio: "Igreja está cheia de capelinha vazia no interior e ausente das periferias"

Dom Aldo: sobrinho de Agnello Rossi diz que família se afastou da Igreja

Internet Cidade inaugura hoje sua rede WiFi, que dará acesso gratuito à internet sem fio 'Aparecida Digital' recebe o papa

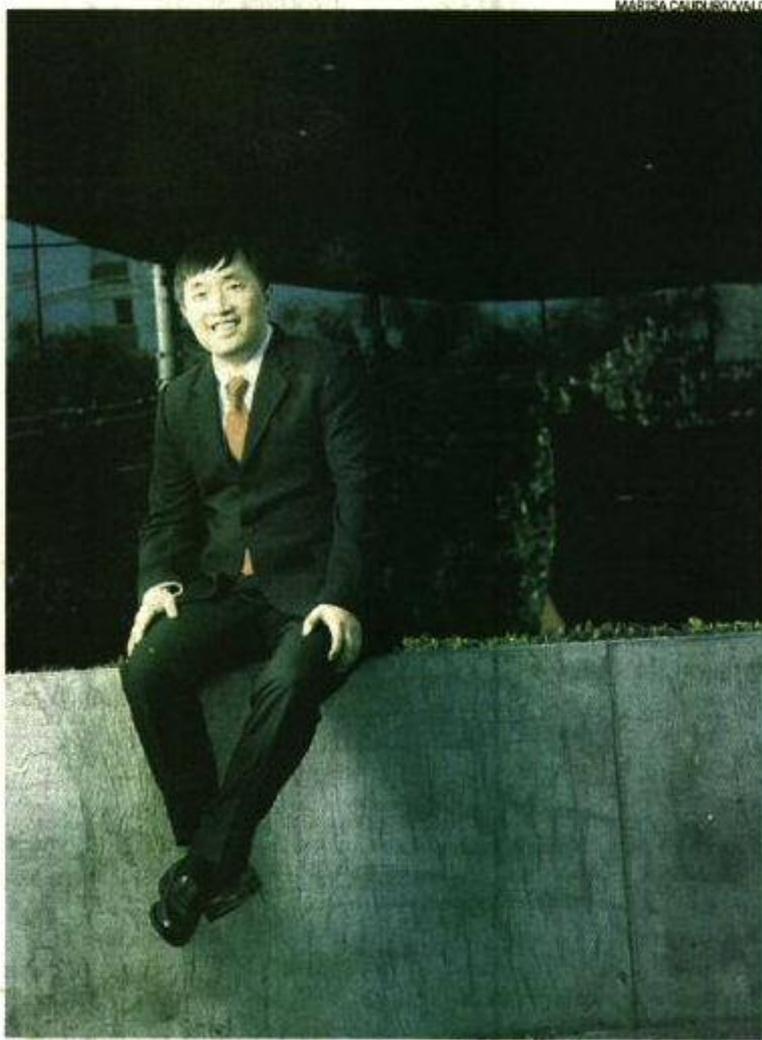
André Borges
De São Paulo

Não há notícias de que o papa Bento XVI seja adepto de apetrechos tecnológicos. Mas se tiver um blackberry ou um laptop, o sumo pontífice não encontrará problemas para se conectar à internet enquanto estiver na cidade de Aparecida, ao longo desta semana.

Com o codinome de "Aparecida Digital", a prefeitura da cidade inaugura hoje o seu projeto de rede sem fio, recurso que vai garantir acesso gratuito à rede mundial de computadores para qualquer pessoa que estiver transitando pela cidade.

A tecnologia, que teve custo de R\$ 40 mil para a prefeitura, foi implementada pela D-Link, fabricante de equipamentos de telecomunicações. Quem estiver com um dispositivo de acesso à internet nas mãos poderá fazer conexão nos dois pontos principais de Aparecida: o entorno da basílica nova, onde Bento XVI celebrará missa, e a área da basílica antiga, o segundo maior pico de concentração populacional e comercial da cidade. Hoje Aparecida tem cerca de 35 mil habitantes, mas recebe aproximadamente 9 milhões de visitantes por ano. Com a visita do pontífice romano, são aguardados 500 mil fiéis de todo país.

A implantação da rede sem fio na cidade teve início em janeiro, comenta o diretor de planejamento da prefeitura, Carlos Alberto de Almeida. "A vinda do papa acelerou a pri-



Alexandre Wu, diretor-geral da D-Link: centenas de cidades na mira do WiFi

meira etapa do projeto, que era a instalação da rede na área central."

Até setembro, a prefeitura quer levar o acesso sem fio a outras regiões do município, interligando es-

colas, delegacias, postos de saúde e telecentros da região. O objetivo, diz o gerente comercial da D-Link para divisão de governo, Fred Maynard, é fazer com câmeras de vídeo usadas

no monitoramento da cidade também transmitam imagens por meio da rede. "O protocolo da internet (IP) ainda será usado em ligações telefônicas feitas entre os órgãos públicos. Isso vai baixar os custos."

A intenção da prefeitura é que, após a visita do papa, a rede de conexão sem fio continue acessível ao cidadão, gratuitamente. "Quem estiver aqui não terá custo do provedor do sinal, nem do provedor de conteúdo", comenta o diretor de planejamento, Carlos Alberto de Almeida. Para manter o acesso, a prefeitura vai gastar cerca de R\$ 3,5 mil por mês.

Nas últimas semanas, a operadora Telefônica, que também participa do projeto de Aparecida, colocou mais de 100 técnicos para trabalhar na instalação de redes sem fio também nos arredores do Anhembi, do Campo de Marte e do Estádio do Pacaembu, na capital paulista. A cidade de Guaratinguetá, outro município que será visitado por Bento XVI, também recebeu equipamentos de rede sem fio e telefonia. Em Aparecida, a empresa estima que o volume de ligações de longa distância deve-

rá dobrar no fim de semana de 12 de maio, quando o papa rezará missa na basílica. Para evitar congestionamento, a operadora montou um plano de remanejamento de rotas.

No ambiente tecnológico, o recurso usado em Aparecida é conhecido como WiFi, um padrão de comunicação baseado em ondas de rádio. Para cobrir o entorno da região central da cidade, a prefeitura instalou seis rádios com antenas, em pontos distintos. Qualquer dispositivo que estiver dentro de um raio de sete quilômetros, em média, desses equipamentos, pode se conectar à rede. "O interessante do WiFi é que o seu custo chega a ser seis vezes mais barato que o WiMax", diz o executivo da D-Link, Fred Maynard, numa referência ao padrão, defendido pela fabricante de chips Intel.

O projeto de Aparecida mostra que, com pouco investimento, cidades com orçamento baixo podem ter acesso à web, afirma o diretor-geral da D-Link Brasil, Alexandre Wu. "Essa tecnologia vive um momento de expansão. Neste ano, centenas de cidades vão adotar o recurso."